



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

VOCAÇÃO, MISSÃO, PROFISSÃO: A DOCÊNCIA NA VISÃO DE EDUCADORAS PARAIBANAS (1935)

Maria Lúcia da Silva Nunes

milsnunes@yahoo.com.br

Adriana Marcineiro Vilar

dryka.villar@gmail.com

Elane Candido da Silva

elane.candido@hotmail.com.br

Tatianne da Conceição Ferreira

Tati_anne@hotmail.com

(UFPB)

Resumo

O desenvolvimento do projeto de pesquisa “Em busca de vestígios: memórias e histórias de mulheres que nomeiam escolas (1950 – 1970)”, cujo objetivo é revelar a história das patronesses das escolas da rede pública de ensino no Estado da Paraíba, tem possibilitado não apenas saber quem foram essas mulheres mas também o que pensaram sobre diversos temas, principalmente sobre educação; bem como conhecer outras educadoras que não dão nome a escolas, mas desenvolveram práticas educativas na Paraíba. Vinculado ao grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR-GT/PB), o projeto tem financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq. Neste texto, analisam-se as concepções de docência anunciadas em artigos publicados pelas educadoras e sócias da Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino (APPF): Albertina C. Lima, Alice Azevedo Monteiro, Analice Caldas e Beatriz Ribeiro, extraídos da Página Feminina do jornal A União, no ano de 1935. As contribuições da Nova História Cultural, propondo a ampliação de fontes, objetos de estudo e novas abordagens no campo historiográfico e, conseqüentemente, a inserção de novas discussões e sujeitos outrora renegados, a exemplo da mulher e sua escrita, norteiam este estudo. Os textos examinados permitem dizer que as concepções de docência das referidas educadoras dividem-se entre a mais antiga visão de docência que remete aos antigos mestres religiosos, cujo perfil formava-se pela missão extraordinária, a vocação, a doação, intermediada por uma visão do/a educador/a como salvador da pátria e dos indivíduos, não mais de suas almas, mas agora muito mais de seus intelectos, de sua formação para atuar na sociedade, e, por fim, encaminham-se para a consciência da profissionalização. Por esse último viés, o/a professor/a é um sujeito com necessidades concretas que precisam ser atendidas para que possa desempenhar bem o seu trabalho e deve aglutinar em si determinados atributos: competência técnica; autoridade que oscila entre a de um pai ou mãe, mas suaviza-se na relação amigável que deve ser mantida entre mestre e alunos. Conclui-se que as quatro educadoras esforçam-se por refletir sobre suas próprias responsabilidades enquanto professoras.

Palavras - chave: Docência. Mulheres. Memória.





Contextualização da pesquisa

Este trabalho vincula-se à pesquisa “Em busca de vestígios: memórias e histórias de mulheres que nomeiam escolas (1950 – 1970)” e tem financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq. Vinculado ao HISTEDBR/PB, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação CE/UFPB, propõe analisar a concepção de docência expressa pelas educadoras Analice Caldas, Albertina C. Lima, Alice Azevedo e Beatriz Ribeiro, componentes da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino (APPF), fundada no ano de 1933, em textos publicados na Página Feminina do jornal A União, no ano de 1935. A Página Feminina funcionou com veículo de divulgação das ideias e ações da APPF.

O texto inspira-se na abordagem teórico-metodológica apresentada pela nova história cultural, que possibilitou novas perspectivas ao campo da História da Educação, não mais se interessando apenas pelos movimentos educacionais ou grandes pensadores, mas voltando o olhar para novos objetos de pesquisa e/ou maneiras diferentes de abordá-los. Assim é que:

Temas como a cultura e o cotidiano escolares, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais (professores, professoras, mas também os alunos e as alunas), a imprensa pedagógica, os livros didáticos etc. têm sido crescentemente estudados e valorizados. (LOPES; GALVÃO, 2001, p.40)

Nessa visão, utiliza-se como fonte quatro textos escritos pelas educadoras, são eles: “O mestre de hoje” de Alice Azevedo Monteiro¹; “Em torno a um thema” de Beatriz Ribeiro²; “O

¹ **ALICE AZEVEDO MONTEIRO:** professora e jornalista, destacou-se na sociedade paraibana de seu tempo ao contribuir com vários artigos e poesias na imprensa da capital, além de participar ativamente na Associação Paraybana pelo Progresso Feminino no ano de 1933, onde possuía o cargo de secretária. Seus artigos de cunho feminista foram publicados nos jornais A União e A IMPRENSA. Foi sócia efetiva no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Em reconhecimento aos serviços prestados à educação da mocidade pessoense, a Prefeitura da cidade de João Pessoa deu seu nome a uma das ruas centrais da capital paraibana.

² **BEATRIZ RIBEIRO:** professora, sócia da APPF, articulista da Página Feminina. Infelizmente, as fontes identificadas não oferecem maiores informações sobre a mesma.





mestre” de Analice Caldas³ e “Missão social do Professor” de Albertina C. Lima⁴, publicados no ano de 1935 na Página Feminina dirigida pela “Associação Parahybana pelo Progresso Feminino”, no jornal A União, órgão da imprensa oficial da Paraíba. Objetiva-se analisar a concepção de ser professor (a) nestes textos, com um desejo, também, de expor um pouco dessas educadoras paraibanas que, embora tenham contribuído com suas práticas educativas, literárias, sociais e políticas para a formação de muitos paraibanos, hoje repousam no esquecimento histórico. Assim, cabe assinalar o lugar de onde essas mulheres desenvolviam suas práticas de escrita: a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino (APPF).

A Associação Paraibana pelo Progresso Feminino: pensamento, palavra e ação de mulheres paraibanas na década de 1930

A criação da APPF aconteceu em 11 de março de 1933, com instalação na sede da Escola Normal. Assim como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, criada em 1922, priorizava a luta pelo voto e o direito à educação. A diretoria era composta por mulheres de destaque na sociedade paraibana pela atuação no sistema educacional, tendo como presidente, Lylia Guedes; vice presidente, Olivina Carneiro da Cunha; secretária, Alice de Azevedo Monteiro; oradora, Albertina Correia Lima; Tesoureira, Francisca de Ascensão Cunha e bibliotecária, Analice Caldas. (MACHADO; NUNES, 2007, p.12). Essa era a composição da primeira diretoria.

Essas mulheres discutiam e escreviam sobre direitos da mulher, moda, novos hábitos urbanos, relação homem/mulher, política, educação, poesia, entre outros temas. Os textos trazidos à tona neste estudo revelam suas preocupações em torno das mudanças que estavam

³ **ANALICE CALDAS:** estudou na Escola Normal da Parahyba em 1911; após formada, dedicou-se de imediato ao magistério, com apenas 20 anos. Cultora das letras, contribuiu na imprensa local; na revista ERA NOVA tinha um “Álbum de Mlle. Analice Caldas”. Em 1936 foi admitida como sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Idealizou a chamada Campanha dos Mil Reis Liberal. Juntou-se ao grupo idealista juntamente com Albertina Correia Lima, Lylia Guedes e fundaram a Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino que exerceu uma liderança em prol da emancipação da mulher. Faleceu aos 54 anos, em um trágico acidente de avião, ocorrido em Lagoa Seca, Minas Gerais, no dia 15 de fevereiro de 1945.

⁴ **ALBERTINA C. LIMA;** Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, diplomada em 1931, foi por muito tempo professora. Contribuiu com vários artigos na Revista ERA NOVA, e nos jornais A União e A IMPRENSA; como também escreveu artigos nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, onde ingressou em abril de 1938, além de fazer parte da Associação Paraybana Pelo Progresso Feminino no ano de 1933, onde possuía o cargo de oradora. Sempre demonstrou seu interesse pela emancipação da mulher. Escreveu o livro “João da Mata” (biografia). Faleceu em 18 de março de 1975.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

ocorrendo na educação e a consciência de que precisavam aperfeiçoar suas práticas para assim terem o seu trabalho reconhecido e valorizado na sociedade. Também se preocupavam com a desvalorização que o professor vinha sofrendo. Naquele momento, década de 1930, o pensamento corrente indicava que a educação era condição *sine qua non*, não apenas para que a mulher pudesse desenvolver-se, mas para o crescimento da sociedade como um todo.

O objetivo principal da FBPF era fazer com que fossem reconhecidos os direitos da mulher - o que só ocorria pela elevação do nível de instrução feminina. Dessa forma, o primeiro ponto do estatuto da Federação trata da promoção da educação da mulher, enfatizando que não avançaria em qualquer área se antes não lhe fosse dada a educação plena (MACHADO; NUNES, 2007, p.202)

Considerando ser o/a professor/a sujeito fundamental no processo educativo formal, parece lógico acreditar na valorização do mesmo. Assim, para Analice Caldas, “quanto mais elevado for o grau de cultura de um povo, tanto maior é o preito de reconhecimento para com o mestre, factor precípua da grande obra da civilização e do progresso, seja este o sábio professor das academias ou o abnegado mestre-escola”⁵ (CALDAS, 1935, p.3)

Opinião parecida é de Albertina C. Lima, que considera a educação como a maior arma para a elevação cultural de uma nação e o professor é o grande responsável pelas transformações.

O futuro de uma nação depende da cultura de seu povo, isto é, da maior somma de idéias novas, de trabalho e esforço que elle lhe possa fornecer. A educação tende, por isso mesmo, ao maior desenvolvimento das energias dos indivíduos, das forças physicas, moraes e intellectivas de cada educando. Como no mundo biológico vencem os seres mais fortes, mais bem adaptados para a lucta pela vida, no social triumpham os que possuem melhor cultura das faculdades superiores de intelligencia e character, os que pela sua maior capacidade mental e de trabalho podem com vantagem enfrentar as lides e concorrer para a prosperidade publica. E é ao professor que cabe a responsabilidade do futuro da pátria porque é elle que cultiva as energias physicas dos educandos, faz irradiar a luz que dissipa as trevas da ignorância e forma, emfim, a mentalidade dos que hão de orientar os destinos nacionaes. (LIMA, 1935, p.3).

Mais adiante neste texto vai ser possível perceber como a visão dessas educadoras estava em harmonia com ideário educacional em divulgação

⁵ Optou-se por manter a escrita original dos textos.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A Página Feminina que a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino mantinha no jornal A União foi de grande valor para a divulgação do pensamento das mulheres associadas, com o objetivo declarado de contribuir para a formação intelectual da mulher paraibana.

Os textos em estudo foram publicados como uma homenagem aos professores, pela passagem do 15 de outubro, destacando a importância desse profissional e a necessidade de seu alinhamento com as ideias do escolanovismo, a fim de ter o seu trabalho valorizado.

Esta associação dedica hoje, sua “Página” quinzenal à nobre classe dos professores, em um espontâneo gesto de solidariedade, no momento em que se trata da reforma do ensino público, tendente a adaptá-lo as novas exigências da civilização actual, e a melhorar as condições jurídicas e econômicas dos respectivos serventários. (A União, 1935, p.3).

Como professoras que eram mostravam-se claramente conscientes da importância do ofício que desempenhavam e da necessidade de uma formação contínua que lhes possibilitasse acompanhar as novas propostas para a educação naquele contexto em que o ideário da Escola Nova afigurava-se como a solução para os problemas educacionais do país e alavanca para o progresso da nação.

Escola Nova: pela revisão das funções da escola

A Escola Nova surgiu pregando uma revisão das configurações de ensino ditas tradicionais, a democratização do acesso à educação e a organização da estrutura interna e das relações da instituição escolar com a sociedade local numa preocupação de adequar-se para atender as exigências impulsionadas no seio da vida social, bem como influenciada pelos estudos da biologia e da psicologia que apontavam para uma concepção de infância. É isto que afirma Lourenço Filho, ao explicitar a acepção do termo escola nova:

Esse singelo nome foi por alguns adotado para caracterização do trabalho em estabelecimentos que dirigiam e, logo também, por agremiações criadas para a permuta de informações e propagação dos ideais de reforma escolar. Mais tarde, passou a qualificar reuniões nacionais e internacionais, bem como a figurar no título de revistas e séries de publicações consagradas ao assunto. Dessa forma, a expressão escola nova adquiriu mais amplo sentido, ligado ao de um novo tratamento dos problemas da educação, em geral. [...] Não se refere a um só tipo de escola, ou sistema didático determinado, mas a todo um conjunto de

323





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

princípios tendentes *a rever as formas tradicionais do ensino*. Inicialmente, esses princípios derivaram de uma nova compreensão de necessidades da infância, inspirada em conclusões de estudos da biologia e da psicologia. Mas alargaram-se depois, relacionando-se com outros muitos numerosos, *relativos às funções da escola em face de novas exigências, derivadas de mudanças da vida social*. (LOURENÇO FILHO, 1978, p.17, grifos das autoras)

Alinhado a essa ideia, o texto do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova afirma que a educação nova tinha por objetivo “servir não aos interesses de classes”, neste caso a burguesia, “mas aos interesses do indivíduo”, fundamentando-se sobre a “vinculação da escola com o meio social, com a realidade local”.⁶ Reflexos desse pensamento podem ser identificados no texto de Alice Azevedo Monteiro, em 1935:

Até bem pouco não havia a preocupação das realidades nacionais. Os estudantes aspiravam apenas a uma cultura que lhes permitisse os bellos rasgos de oratória ardente e floreada e um fácil acesso à política. Começamos, porém a sentir a consciencia educacional e a legião de mestres brasileira apoiada pelo povo e pelos governos levanta o edifício formidável das grandes reformas escolares.[...] Ajudem-nos fraternalmente. E nos constituiremos em breves dias uma força que destruirá a rotina, o preconceito, a superficialidade do antigo systema educacional. O professor procura promover a socialização da criança por força mesmo da necessidade de encaminhar a educação para um fim util ao individuo e à sociedade. Tem que se submeter às modificações que a civilização está promovendo por toda a parte. (MONTEIRO, 1935, p.3)

A escola tradicional era vista pelas educadoras articulistas como um ideário arcaico, que imprimia uma concepção burguesa, oferecendo ao indivíduo uma educação que fortalecia a classe dominante e não os interesses da nação. Assim, era competência do/a mestre a tarefa de edificar as reformas escolares, promover uma educação que fosse útil ao indivíduo e à sociedade.

Para a professora Beatriz Ribeiro, a Escola Nova trazia aos mestres outro olhar para a prática educativa.

Incontestavelmente, porém, o mestre tem evoluído, graças a uma interpretação melhor do conceito educativo. Desde que se começou a ver num discipulo, não o pedaço de rocha ou a massa informe sujeita aos caprichos desastrados de mãos inconscientes teve o carrancudo mestre ranzinza de ceder o lugar ao mestre actual,

⁶ Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>. Acesso em 14 mar. 2012. A partir de agora, as citações do Manifesto serão referenciadas assim: MANIFESTO DOS PIONEIROS..., 1932.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

o amigo, o guia, o conselheiro, o psicólogo que vê na personalidade alheia um reflexo de si mesmo (RIBEIRO,1935 p.3).



Figura 1 – Recorte do Jornal A União, contendo o texto de Beatriz Ribeiro

Fonte: Jornal A União, 1935, p. 3

Ser professor/a era também assumir outros papéis: amigo, conselheiro, psicólogo; era desenvolver uma relação mais horizontal com os alunos, vendo-o como semelhante.

Essa aludida aptidão de mestre bem como uma “evolução” em interpretar e conceber a educação afinava-se plenamente com os ditames do Manifesto que propunham não só ao educador, mas também à escola ampliar a sua cultura e capacidade de acolher e atender o plural e o diverso na sociedade reinante:

Mas o educador, como o sociólogo, tem necessidade de uma cultura múltipla e bem diversa; as alturas e as profundidades da vida humana e da vida social não devem estender-se além do seu raio visual; ele deve ter o conhecimento dos homens e da sociedade em cada uma de suas fases, para perceber, além do aparente e do efêmero, "o jogo poderoso das grandes leis que dominam a evolução social", e a posição que tem a escola, e a função que representa, na diversidade e pluralidade das forças sociais que cooperam na obra da civilização. Se tem essa cultura geral, que lhe permite organizar uma doutrina de vida e ampliar o seu horizonte mental, poderá ver o problema educacional em conjunto, de um ponto de vista mais largo, para subordinar o problema pedagógico ou dos métodos ao problema filosófico ou dos fins da educação; se tem um espírito





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

científico, empregará os métodos comuns a todo gênero de investigação científica, podendo recorrer a técnicas mais ou menos elaboradas e dominar a situação, realizando experiências e medindo os resultados de toda e qualquer modificação nos processos e nas técnicas, que se desenvolveram sob o impulso dos trabalhos científicos na administração dos serviços escolares (MANIFESTO DOS PIONEIROS..., 1932).

E para enfrentar os obstáculos na propositura de uma escola nova, urgia que todos os (as) professores (as) tivessem uma formação científica que os/as habilitasse acompanhar as transformações da educação.

A educação tem sido sempre a preciosa preocupação dos estadistas paycho'logos, pedagogos e demais responsáveis pelos destinos sociais. Base das civilizações e das idéias, orientadoras da vida individual e consequentemente da colectiva, Ella é encarada, hoje, sob um prisma muito amplo e elevado. O poder das nações não suporta mais força material. O futuro de uma nação depende da cultura de seu povo, isto é, da maior somma de idéias novas, de trabalho e esforço que elle lhe possa fornecer. A educação tende, por isso mesmo, ao maior desenvolvimento das energias dos indivíduos, das forças phisicas, moraes e intellectivas de cada educando. (LIMA, 1935 p.3).

Essa preocupação em articular as energias físicas, mentais e intelectuais do educando, expressas no texto supracitado, provavelmente inspirou-se também no Manifesto, quando assevera que:

Considerando os processos mentais, como "funções vitais" e não como "processos em si mesmos", ela os subordina à vida, como meio de utilizá-la e de satisfazer as suas múltiplas necessidades materiais e espirituais. A escola, vista desse ângulo novo que nos dá o conceito funcional da educação, deve oferecer à criança um meio vivo e natural, "favorável ao intercâmbio de reações e experiências", em que ela, vivendo a sua vida própria, generosa e bela de criança, seja levada "ao trabalho e à ação por meios naturais que a vida suscita quando o trabalho e a ação convém aos seus interesses e às suas necessidades" (MANIFESTO DOS PIONEIROS..., 1932).

Nagle (2001, p.321), em análise sobre os rumos propostos pelo ideário escolanovista, afirma que





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Em decorrência desse ponto de partida, sofrem transformações radicais o papel do educador, a natureza do programa escolar, a noção de aprendizagem, os métodos e técnicas de ensinar-aprender, enfim, todo o aspecto interno das instituições escolares. O que importa agora é a realização das potencialidades contidas na personalidade integral da criança em cada etapa do seu desenvolvimento, com que se transforma a própria atmosfera do ambiente social.

Assim, o respeito à personalidade individual, à ideia de que cada educando deve desenvolver-se de acordo com suas próprias características “psicobiológicas”, interesses e recursos disponíveis, por ação e esforço individual, a importância da atividade e da experiência pessoal, eram princípios da Escola Nova:

Nessa nova concepção da escola, que é uma reação contra as tendências exclusivamente passivas, intelectualistas e verbalistas da escola tradicional, a atividade que está na base de todos os seus trabalhos, é a atividade espontânea, alegre e fecunda, dirigida à satisfação das necessidades do próprio indivíduo. Na verdadeira educação funcional deve estar, pois, sempre presente, como elemento essencial e inerente à sua própria natureza, o problema não só da correspondência entre os graus do ensino e as etapas da evolução intelectual fixadas sobre a base dos interesses, como também da adaptação da atividade educativa às necessidades psicobiológicas do momento. O que distingue da escola tradicional a escola nova, não é, de fato, a predominância dos trabalhos de base manual e corporal, mas a presença, em todas as suas atividades, do fator psicobiológico do interesse, que é a primeira condição de uma atividade espontânea e o estímulo constante ao educando (criança, adolescente ou jovem) a buscar todos os recursos ao seu alcance, "graças à força de atração das necessidades profundamente sentidas". É certo que, deslocando-se por esta forma, para a criança e para os seus interesses, móveis e transitórios, a fonte de inspiração das atividades escolares, quebra-se a ordem que apresentavam os programas tradicionais, do ponto de vista da lógica formal dos adultos, para os pôr de acordo com a "lógica psicológica", isto é, com a lógica que se baseia na natureza e no funcionamento do espírito infantil. (MANIFESTO DOS PIONEIROS..., 1932).

Ainda segundo Nagle (2001, p.321), “a reforma não apenas é uma reforma de métodos pedagógicos. É a reorganização radical de todo o aparelho escolar, tendo em vista nova finalidade pedagógica e social”.

Nos escritos das educadoras, são visíveis as preocupações e os anseios com as manifestações que estavam ocorrendo no pensamento educacional na década de 1930, no Brasil,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

caracterizadas pela multiplicidade de orientações ideológicas, de alterações nos padrões de pensamento, deixando entrever a consciência de uma necessidade de afinação da educação local com a nacional.

Ser mestre: a docência e suas faces

A entrada das mulheres no exercício do magistério, no Brasil, se dá ao longo do século XIX; no início, de forma lenta, porém depois intensivamente. Mas essa não foi de modo nenhum uma entrada tranqüila. Objeto de muitos debates e contestações, a possibilidade de mulheres exercerem o magistério foi, como se sabe, contestada através de diferentes discursos. Especialmente a partir do momento em que, com a abertura das escolas normais, as moças passaram a constituir uma presença muito maior que o desejado. Os apelos para conter a massa feminina se multiplicaram, ancorando-se, principalmente, no discurso de grande credibilidade à época: “o discurso científico”, para o qual “parecia uma completa “insensatez” entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo “desuso”, a educação das crianças.” (LOURO (1997, p.450)

Contrapondo-se a essa argumentação, outras vozes afirmavam que as mulheres têm, por natureza, uma inclinação para o trato com as crianças. Campos e Silva (2002, p.53) explicitam que: “As mulheres passam a ser geralmente associadas às atividades como alimentação, maternidade, cuidado e educação. Enquanto os homens são costumeiramente vistos como provedores e relacionados ao uso do poder.” Em outras palavras, cada aluno deveria ser visto como um filho ou filha espiritual. Nessa percepção, o texto de Analice Caldas, “O mestre”, demonstra uma convicção de que o professor, em seu novo perfil, tem poder de influência. Assim, mudanças significativas devem orientar o papel do/a professor (a) em sociedade:

Alta e importante é a missão do mestre. “E’ o segundo pae”. Esta expressão bem resume a grandeza da influencia que elle exerce na vida do individuo e da sociedade. [...] Escola e família; mãe, pae e mestre entidades imseparaveis, trilogia sublimada, afirmação exalçante de teu valor! (CALDAS, 1935, p.3)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Tal concepção remete ao que diz Louro (2008, p.97):

A representação do magistério é, então, transformada. As professoras são compreendidas como mães espirituais – cada aluno ou aluna deve ser percebido/a como seu próprio filho ou filha. De algum modo, as marcas religiosas da profissão permanecem, mas são reinterpretadas e, sob novos discursos e novos símbolos, mantém-se o caráter de doação e de entrega que já se associava à atividade docente.

O magistério precisava ser compreendido, então, como uma atividade de amor, de entrega e doação, uma extensão da maternidade para a qual acorreria quem tivesse vocação. Esse papel também é exposto no texto de Beatriz Ribeiro, “Em torno a um thema”:

Mestre actual, o amigo, o guia, o conselheiro, o psychologo que vê na personalidade alheia um reflexo de si mesmo. E como não é tremenda a responsabilidade do mestre que, pela natureza de sua missão, vive em contacto com a MOCIDADE, a palavra que resume todo mundo (RIBEIRO, 1935 p. 3).

Partindo dessa concepção, o magistério primário passou a ser encarado como profissão exclusivamente feminina. Daí o discurso da ocupação de professora primária está associado à ideia de vocação e a de que o magistério é também um sacerdócio, algo que se faz por amor ou caridade. Tal ideia tem comprometido historicamente a profissão do magistério, resultando numa atividade de pouco valor social e retorno econômico, ou seja, uma desqualificação total da categoria.

Nesta perspectiva Beatriz Ribeiro, afirma:

Infelizmente vem a baila o ponto tragi-comico da questão, motivado pela senhora razão econômica. O professor é entre nós um termo bonito somente para os que estão de longe, fazendo sentimentalismo. De perto, segundo opinião de um chronista malicioso, significa um mendigo de gravata, reduzido ao triste fado de diffundir o saber, a beleza e o amor, numa cathedra, e em casa perder-se em cogitações sobre a melhor maneira de adiar o pagamento ao vendeiro da esquina. Principalmente o professor primário, esse grande exemplo de humildade e abnegação, é o inspirador, por excellencia, dos poetas que fazem loas em torno á desdita do proximmo... Fala-se muito em promover o progresso cultural do professor. Como se os livros que abrem caminho a visões mais largas do ensino cahissem do alto por um prodigio de fadas e pudessem vir desfarçados na desculpa amável de um FIADO... (RIBEIRO, 1935 p. 3)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

O texto da professora revela uma crítica irônica e uma amargura em relação à situação do professor que, imbuído de uma grande responsabilidade social, vê-se admirado simplesmente por motivos sentimentais, equiparado a um mendigo ante a sua extrema penúria e mote para loas de desventura, tal é a sua condição econômica. A articulista conclui seu pensamento ironizando a respeito da obtenção do livro, instrumento de aquisição cultural a que o professor só teria acesso por meios prodigiosos.

Também demonstrando essa incompatibilidade entre valor educacional e retorno salarial, o texto de Alice Azevedo Monteiro demonstra já em seu título, “O mestre de hoje”, uma convicção de que as mudanças educacionais careciam ser acompanhadas de um profissional que estivesse mais consciente da realidade social e menos imbuído de uma visão romantizada do ofício.

Muito se fala em reforma educacional. Todo brasileiro sente a necessidade de preocupar com as causas do ensino. Estamos surgindo de uma geração de sonhadores e românticos incapazes de encarar friamente as verdades da vida. (MONTEIRO, 1935 p. 3)

Já Analice Caldas (1935, p.3) expressa seu descontentamento por ver o pouco apreço e o descaso pelo profissional que dedica sua vida à causa da educação:

Quão incompreendido tem sido! Se soffres, os teus queixumes morrem na indiferença: se triumphas, com o progresso dos teus discípulos, o teu regosijo é abafado pela ingratidão! Adorna a mais importante e bella praça do Rio de Janeiro, um bronze representando o garoto vendedor de jornaes. E tú, Anchiêta, nosso primeiro mestre, thaumaturgo abnegado, synbolo de todas as renuncias que corporisas todas as tragédias desses heroes esquecidos, que mereceste? A arvore tem o seu dia officializado; instituições e escolas lhe tributam homenagens de delicada ternura e reconhecimento para com os seus irmãos vegetaes. E tu, mestre? Se não mereceste os symbolos que materializam a gratidão que te e devida, as demonstraões de carinho que mereces. Tens ante o evoluer da civilização a recompensa de tua immensuravel cooperação no futuro e na grandeza da pátria!

A articulista remete à figura do Pe. Anchieta como o mestre primeiro, e isso implica toda a carga simbólica cristã que essa personagem representa (abnegação, missão, doação, renúncia), mas também ao esquecimento a que foi relegado enquanto educador, compensado (?) , no entanto pela certeza se haver colaborado para o destino grandioso da pátria.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Os textos vão apontando para a constituição de um novo sujeito social que, embora traga em si as marcas dos primeiros mestres, aceite a incumbência social de ser mais adequada do que o homem a exercer tal ofício, como professora, vai gradativamente despertando para a necessidade da profissionalização de seu trabalho, que, assim sendo, precisa de reconhecimento social, condições de existência e valorização econômica.

Considerações finais

Após a leitura dos artigos escritos pelas quatro educadoras paraibanas, publicados na Página Feminina do Jornal A União, em 1935, é possível concluir que a concepção do que é ser mestre (professor/a) para as mesmas ainda guarda uma visão romantizada da educação ao atribuir-lhe a função de salvadora da pátria e, por extensão, o ofício de mestre é missão superior, de pessoas que, imbuídas de uma força extraordinária, conseguem transformar a massa informe que é o discente em um ser perfeito, e alicerçam as grandes transformações não só escolares mais sociais. Embora o aporte da Escola Nova viesse contestar essa visão de “massa informe” em relação ao discente.

Por outro lado, também já é perceptível nesses artigos que essas articulistas, todas educadoras, estão tomando consciência de que exercer essa tarefa exige um reconhecimento não apenas social como material para que esse trabalho tão importante, como as mesmas colocam, seja exercido de forma eficiente. Entre as condições colocadas para o bom exercício da prática docente está a necessidade de formação contínua que é posta em seus textos como a urgência de se atualizar, de apropriar-se dos conhecimentos que envolvem o novo ideário educacional: a Escola Nova.

Para concluir, pode-se dizer que as educadoras paraibanas aqui apresentadas pelos seus textos dividem-se entre a mais antiga concepção de docência que remete aos antigos mestres religiosos, cujo perfil formava-se pela missão extraordinária, a vocação, a doação, intermediada por uma visão do educador como salvador da pátria e dos indivíduos, não mais de suas almas, mas agora muito mais de seus intelectos, de sua formação para atuar na sociedade; por fim, podemos dizer que se encaminham para a consciência da profissionalização e, sendo assim, o/a professor/a





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

é um sujeito com necessidades concretas que precisam ser atendidas para que possa desempenhar bem o seu trabalho e não chegar ao extremo de ser confundido com um mendigo. E, enquanto profissional precisa aglutinar em si determinados atributos: competência técnica; autoridade que oscila entre a de um pai ou mãe, e suaviza-se na relação amigável que deve ser mantida entre mestre e alunos. Nessa posição ambígua, mas não excludente, essas educadoras esforçam-se por refletir sobre suas próprias responsabilidades enquanto professoras.

Referências

BERNARDO, Ana Maria Coutinho. Literatura e memória: resgate das escritoras paraibanas do início do século XX. Disponível em http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_ana_coutinho.htm, acesso em 09 de 06 de 2011.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. (Orgs). **Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao Estudo da Escola Nova, vol. II**. 13 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e magistério: identidade, história, representação. In. CATANI, Denice B. ET all. (Orgs.). **Docência, memória e gênero**. Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997, p. 75-84.

_____. Mulheres nas Salas de Aula. In. Mary Del Priore (org.) **história da Mulher no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES Maria Lúcia da Silva. **O feminismo paraibano: Associação Paraibana pelo progresso feminino (APPF)-1933**. In. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES Maria Lúcia da Silva (Orgs) **Gênero e sexualidade: perspectivas em debate**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

MANIFESTO DOS PIONEIROS da Educação Nova (1932). Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>. Acesso em 14 mar. 2012.

NAGLE, Jorge, **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974.

Fontes

CALDAS, Alice. O mestre. **A União**, João Pessoa, p.3, novembro. 1935.

LIMA, Albertina C. Missão social do professor. **A União**, João Pessoa, p.3, novembro. 1935.

MONTEIRO, Alice Azevedo. O mestre de hoje. **A União**, João Pessoa, p.3, novembro. 1935.

RIBEIRO, Beatriz. Em torno de um thema. **A União**, João Pessoa, p.3, novembro. 1935.

ASSOCIAÇÃO PARAIBANA PELO PROGRESSO FEMININO, a pagina de hoje. **A União**, João Pessoa, p.3, novembro. 1935.

